

As ondas de lama começam a acalmar...

Já repararam? As ondas de lama que o caso do Angola e Metrópole tanto agitou começam a acalmar. O órgão das "fôrças-vivas" mostra-se mais prudente. Uma parte do seu objectivo já foi atingida: o Banco Ultramarino está livre por momentos do seu rival Angola e Metrópole, a casa Burnay principia a respirar melhor porque o seu adversário Nuno Simões foi derrubado. "O Século" cumpriu em parte a sua missão corruptora da opinião pública. Agora anda tudo empenhado em "provar" que é falsa a papelada, a documentação que serviu de base à burla, onde figuram, ao lado do Alves dos Reis, os de Inocêncio Camacho, Daniel Rodrigues, Rêgo Chaves, Mota Gomes e outros. Está visto... a papelada tem de ser falsa. Não há outra maneira de salvar as "ilustres" pessoas que maneja a emissão clandestina das notas de quinhentos escudos... Não tardará, leitor roubado, que se prove a inocência de todos estes Inocêncios...

Descansem: tudo vai terminar bem, entre abraços comovedores

Neste caso do Angola e Metrópole ficou tudo empoalhado: o regime e alguns dos seus homens mais representativos. Os jornais não têm coragem de afirmar o que sabem; calam, evitam a extensão do escândalo. Mas o povo, que tem uma intuição da verdade difícil de obliterar, já compreendeu todo o tenebroso plano e, saltando sobre as mentiras dos jornais todos empenhados em salvar a "honra do convento" — que neste caso é a honra enxovalhada de alguns homens públicos de destaque — aponta os verdadeiros culpados e lança sobre eles o seu desprêzo.

Está provado e mais do que provado que Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal, tem "rasca na assadura", como popularmente se diz. Pois não há coragem de prendê-lo, deixam-no andar por aí à solta a arrastar, em atitudes dúbias, comprometedoras e contraditórias, a sua acentuada culpabilidade; deixam-no andar por aí a fazer figuras tristes.

Ele é tão falto de brio que, num momento em que seus actos estão sendo tão vivamente discutidos (mesmo que estivesse inocente!) não é capaz de, num gesto de *panache*, de elegância moral, pedir a sua demissão. Está agarrado ao governo do Banco de Portugal como a osíris à rocha, como o bezerro sófrego à teta da mãe. Irra que já é preciso ter estômago!

Nós bem sabemos em que se fia o Inocêncio e todos aqueles que figuram como protagonistas nesta farça ignóbil das notas de quinhentos escudos. Nós bem sabemos quais são as esperanças do sr. Camacho.

Ele bem sabe que, num belo gesto *patriótico*, os peritos vão constatar que toda a documentação onde figuram os nomes das criaturas de maior renome político é falsa. Se fosse verdadeira (que série de desgraças não iriam por esse país?) "E' preciso salvar a honra do convento". Para isso vão-se buscar provas ao inferno, se tanto for preciso.

Como sempre, nesta negociação também se há de chegar à conclusão de que não houve burla, de que o Inocêncio está inocente, Daniel Rodrigues vilmente enganado, todos intrujados, coitadinhos! pelos espertos do Angola e Metrópole.

E depois, como o Reis e o Bandeira sabem muitas coisas bonitas que podem contar cá fora, há de provar-se também que eles estão inocentes — e que o plano do financiamento de Angola, emissão clandestina de notas, negociações escuras nunca existiram.

Isto vai terminar tudo num banquete de homenagem aos grandes patriotas Alves dos Reis e José Bandeira, no qual comparecerão os srs. Inocêncio Camacho, Daniel Rodrigues, Rêgo Chaves, Carlos Pereira, Mota Gomes, Avila Lima e outros.

Ao "toast" o sr. Inocêncio, criatura que está acima de toda a suspeita, erguerá a sua taça proferindo um comovedor discurso, que porá em destaque os serviços prestados pelos do Angola e Metrópole ao progresso das indústrias e agricultura coloniais. Respondendo, Alves Reis, visivelmente comovido afirmará com calor que Inocêncio está inocente e que da sua honra e dos seus altos méritos ninguém melhor do que ele poderá falar, visto conhecê-lo de perto.

E feitas as contas, o povo é que não procedeu com correcção, duvidando ingratamente da honestidade de homens como Inocêncio, cuja alta mentalidade e cuja honradez bem sem se patentearam já naquele célebre caso das águas de Monte Banzão que ele soube transformar em salutares águas minerais decisivas na cura de doenças de fígado...

Depois recolherá cada um tranquilamente às suas *patrióticas* ocupações: o Inocêncio escrevendo cartas confidenciais à casa Waterloo; o Daniel, ruminando em sussô na Caixa Geral dos Depósitos; o Rêgo Chaves, preparando uma gentil oferta de libras ao Angola e Metrópole, que não foi contemplado da outra vez; o Alves Reis, organizando um novo golpe.

E o povo verificará que, aparte o pequeno senão de ter ficado mais pobre e mais roubado, a terra continua a girar como dantes, o sol persistirá em alumiar esta bola de lodo que vai rolando no espaço infinito e os governos continuarão enérgicos na repressão do crime — enviando para a Guiné criaturas inocentes e pobres que nem sequer serão julgadas...

Os terroristas búlgaros perdem o apoio do próprio parlamento

Várias vezes nos temos referido ao regime de assassinio e repressão que se impõe ditatorialmente à população da Bulgária. Camponeses e operários, propagandistas avançados e adversários políticos, têm sido barbaramente imolados à perseguição do ditador Tsankov no poder.

A oposição política — para não falar, agora, da resistência vigorosa oposta pela população e por elementos revolucionários — tem vindo a alastrar, fazendo aumentar o protesto geral contra as repressões.

O ditador Tsankov delicia-se há longos meses uma coligação de partidos conservadores que o apoiasse vantajosamente. Apenas conseguiu a formação de um grupo parlamentar estupidamente denominado "Entente" democrática — o que permite dizer-se que "já, como cá, democráticos há"...

Os antigos partidos, momentaneamente desorganizados por reflexo da acção do ditador, voltaram a organizar-se e começaram acentuando a oposição. Assim, os socialistas e os agrários, radicais e liberais atacaram violentamente o regime terrorista. Foi revelado, em pleno parlamento, o assassinio de cento e vinte e um indivíduos que Tsankov afirmava terem "desaparecido".

O ditador foi acusado, face a face, de cumplicidade nos assassinios e "desaparecimentos", denunciando-se que muitas famílias são coagidas a não participarem o desaparecimento ou a prisão de seus membros.

Na imprensa desencadeou-se uma violenta e agressiva campanha contra o ditador Tsankov, que se vê embaraçado para se defender das acusações e obrigado a perseguir os que protestam, por não encontrar justificação possível aos seus actos de repressão.

Boêmios em mau lençóis

PRAGA, 22.—Deram-se ontem nesta cidade novas manifestações anti-alemãs, tendo sido agredidos vários boêmios de origem germânica. Os manifestantes enviaram uma delegação ao Parlamento, pedindo que sejam expulsos todos os deputados alemães. Fortes contingentes de polícia conseguiram, por fim, dissolver as manifestações.

IMPRENSA

«Arquivo do Enfermeiro»

Recebemos o n.º 3 do «Arquivo do Enfermeiro», interessante revista profissional dos enfermeiros portugueses. Além da publicação de vários artigos de especialidade, «Arquivo do Enfermeiro» transcreve o artigo «O valor intrínseco da primeira manifestação das classes dos serviços de saúde», inserto na *Batalha* de 3 do corrente mês.

Três guardas republicanos assassinam cobardemente uma mulher, e a justiça militar absolve-os

O julgamento do oficial e dos soldados da G. N. R. implicados naquele trágico conflito travado entre eles e a polícia, no Parque Eduardo VII, teve o epílogo esperado: a absolvição de todos, excepção feita a alguns soldados que foram condenados a penas tão leves que julgamos ridículo mencioná-las.

Quem originou aquela tragédia foi a polícia. Um destes civis que abundam na corporação e que se arrogam, com consentimento dos seus superiores, a atentar contra a vida do próximo, matou um soldado da G. N. R. Esqueceu-se, porém, o civismo dum circunstância bastante importante: é que se há a garantia de impunidade e quando os indivíduos que a assassina pertencem à população, o mesmo se não dá com a G. N. R. que andando bem armada, não esteve à espera que a justiça cassasse a polícia assassina, pois ela está convencida de que a polícia mata sem receber o menor castigo. Pegou nas espingardas e foi-se aos polícias que encontrou a geito e varou-os a tiro, fazendo-lhes sentir que matar um soldado da G. N. R. não é a mesma coisa que matar um simples operário. Deu-se até a circunstância de ter ficado sã e salvo o polícia que assassinou e que por sinal anda em liberdade e prestando serviço. O aviso à corporação da polícia foi salutar — pois que até hoje ela ainda não assassinou outro guarda republicano.

Nada temos com as divergências entre as duas corporações, nem tão pouco nos interessa que elas se dirimam a tiro. Não somos para ali chamados e sempre que tal acontece fazemos como Pilatos: no Credo: lavamos as nossas mãos...

Acontece, porém, que nessa tragédia do Parque Eduardo VII perderam a vida duas mulheres. Uma delas foi morta durante o tiroteio, atingida por balas que foram disparadas contra a polícia. A outra foi morta propositalmente, conforme há dias relatamos. Foi alvejada por três guardas republicanos no momento em que ela, presa dum explicável angústia, suplicava que não disparassem sobre o local em que ela estava refugiada com seu marido.

Esta mulher nada tinha que ver com o conflito, nem o crime que a vitimou poder ter qualquer ligação com o que se passou entre as duas corporações. Foi um assassinio e um assassinio cobarde: dum lado uma mulher desarmada, implorando que não disparassem sobre ela, do outro três guardas republicanos armados.

O tribunal não se ocupou do caso, nem julgou ninguém por esse delito. Era a mulher dum civil, dum paisano, dum desses miseráveis paisanos que pagam contribuições para sustentar as casernas. E o crime ficou impune. Isto de pertencer à guarda republicana garante o direito de assassinar a mulher do próximo.

A justiça militar demonstrou o que vale, deixando o crime impune e mandando os criminosos em liberdade. Mas que não toquem nem ao de leve na epiderme grosseira dum guarda republicano porque então o caso muda muito de figura...

Não lisonjear Mussolini é fazer a apologia do crime

Na cidade italiana de Florença publica-se o *Jornal dos Combatentes*, órgão dos fascistas locais, o qual é composto numa tipografia particular. A um operário desta tipografia foi cometida a composição de um original em que se condenava o pretensio *complot* contra Mussolini, lisonjando-se em frases hiperbólicas a figura do sinistro ditador. O referido operário, chamado José Bartoli, recusou-se a compor este artigo, alegando que não queria contribuir para uma mistificação ridícula, que apenas tem em vista fazer larga publicidade do ditador da Itália.

O proprietário da tipografia foi denunciar Bartoli, que foi imediatamente preso e processado por «fazer a apologia de factos reputados crimes».

Congresso dos Inválidos da Grande Guerra

A comissão organizadora do Congresso dos Inválidos da Guerra, procurou ontem o sr. ministro da Marinha, para o convidar a assistir à sessão inaugural do Congresso que deve ter lugar no dia 17 de Janeiro próximo, na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, bem como pediu a cédula da bandeira do antigo Corpo de Marinheiros da Armada, e da banda de Marinha, para tocar durante aquela cerimónia.

«O Rebate» aplaudiu as agressões da força pública à classe operária

O *Rebate*, cujo critério político quando fala das classes trabalhadoras se irmana com o do *Correio da Manhã*, em vez de criticar a acção desenvolvida pela polícia e pela G. N. R. contra muita multidão que estava ordeiramente aguardando o resultado da *démarche* que a Comissão Pró Regresso dos Deportados fez junto do parlamento, ainda por cima ataca os manifestantes.

E o cúmulo! Naquela folhazinha que ninguém lê há uma falta de vergonha política ou talvez ela exista demais, partindo do princípio que eles sejam democráticos elevados ao quadrado, mais silvistos do que o seu chefe, senhor e dono. Se assim não fosse haviam de reconhecer que é uma infâmia atacar-se a uma multidão quando esta não perturba a chamada ordem pública, nem sequer infringiu nenhuma das leis em vigor e estava ao abrigo de todas — mas de todas — as garantias concedidas pela Constituição. Havião de reconhecer que é uma cobardia agredir mulheres indefesas e cometerem-se algumas dessas cobardias.

O *Rebate* deve saber — para que lhe servem os olhos dos seus redactores pagos pelo Estado? — que os manifestantes nem durante o percurso para o parlamento nem durante o pequeno lapso de tempo que se conservaram diante do edifício da *sol-dan* representação nacional praticaram o menor desacato. Os manifestantes levaram a sua cordura até ao ponto de não soltarem um único viva. Toda aquela multidão se conservou silenciosa e nessa mudez impressionante estava quando a guarda republicana e a polícia a atacaram traçoamente e cometeram aquelas selvagerias que se podem aquilatar pelo relato do número de feridos que os jornais ontem publicaram. E se não quer a protestar contra essa infâmia porque a coileira de órgão do governo é também uma mordaca, ao menos calava-se.

A não ser que o tivessem aquilado contra a classe operária...
Pior do que o tirano é o laço do tirano... Parece-nos que o sr. António Maria da Silva não encomendou aquele desastroso sermão e talvez tivesse puxado, ainda que com amigável suavidade, as orelhas do *sueitista*. E' bom ser zeloso, mas nunca se deve exagerar muito. Ou, como a noite estava bastante fria o *sueitista* deixou-se tentar pelo *cognac* nacional e numa alucinação muito justificável chegou a supor que quem comandou a guarda republicana e a polícia foi o seu ministerial patrão? Se assim foi tem desculpa: aquele *cognac* de Evora é tão traçoeteiro... Agora se não foi, pior ainda. Desaparece-lhe a única desculpa que lhe poderíamos conceder pelo aplauso que às agressões feitas à classe operária e o remorso idiótico que nos dirige e a que nós desprezivelmente voltamos as costas, para não estarmos perdendo espaço a recordar ao *sueitista* aquilo de que ele parece estar esquecido...

A guerra civil na China

Parece haver terminado com a derrota da um general

TOQUIO, 22.—A guerra civil da China, entre os generais governadores das várias províncias, terminou com a derrota do general Feng-Yu-Hiang, o mais formidável inimigo de Tchang-Tso-Lin, que durante os últimos anos tem sido o verdadeiro governador de toda a China. O general Feng era apoiado pelos *bolxevistas*. Tchang-Tso-Lin sofreu nos últimos tempos importantes reveses em consequência de vários dos seus generais se terem passado para o inimigo. Sendo a sua situação quase desesperada retirou de Mukden, capital da Manchúria, a dar combate aos seus inimigos, seguindo-se a ocupação daquela cidade pelas tropas japonesas a pedido dos consules estrangeiros para protecção dos interesses dos seus súbditos. Os japoneses comunicaram a Tchang-Tso-Lin que só o deixariam regressar à sua antiga capital se voltasse vitorioso. Tchang-Tso-Lin acaba de derrotar por completo o seu principal inimigo depois de ter concentrado as tropas de várias províncias sob o seu domínio.

Uma cidade sem comunicações

XANGAI, 22.—Segundo informações chegadas a esta cidade, Tien-Tsin está completamente isolada, quanto a rápidas comunicações, pois todas as suas linhas telefónicas e telegráficas foram cortadas.

O centenário de um observatório

PADOVA, 22.—Foi solenemente comemorado o segundo centenário da fundação do observatório meteorológico desta cidade e do seu fundador Giovanni Poleni

A ARTE E OS ARTISTAS

Bento Correia e Henrique Santos na Liga Naval

Na sede da Liga Naval esteve durante estas últimas semanas aberta uma curiosa exposição de pintura que só consegui visitar no dia do seu encerramento, devido a uma enfermidade que me reteve em casa. Dois jovens artistas, Bento Correia e Henrique Santos, que conheço desde as suas primeiras tentativas de pintura na Academia de Belas Artes trouxeram a público os seus trabalhos. O primeiro, Bento Correia, não é um desconhecido. Já por mais de uma vez tivemos o ensejo de apontá-lo como um dos mais interessantes temperamentos de pintor da nova geração. O segundo, embora já tivesse saído da Academia há um bom par de anos, só agora se apresenta pela primeira vez em público, com aquelas moças qualidades e inevitáveis defeitos do debutante.

Temos seguido atentamente a evolução artística de Bento Correia. A sua grande preocupação, bastante louvável, tem sido o purificar-se dos rotineiros vícios que a Academia imprime no temperamento do artista, por mais rebeldes e originais que eles sejam. Essa fuga à *marca da casa*, ao *ferrete* da Academia, tem-na realizado Bento Correia com habilidade e geito, de tal forma que hoje já possui uma individualidade inconfundível. Sem pressas, sem precipitações, este artista vem mostrando em cada exposição, que constitui sempre uma curiosa *étape*, uma ascensão para uma arte melhor, mais moderna e original.

Nas suas primeiras exposições, quasi se limitou a apresentar desenhos de acentuado carácter decorativo, traçados com firme segurança e coloridos com exuberância e gosto. Na pintura que desta vez expôs, a evolução no desenho se notou repetese e assim tanto nas primeiras tentativas ainda académicas, nos seus quadros recentes, já francamente modernistas, se verifica uma forte e pujante individualidade que procurando avarosamente os assuntos bizarros, não perde a noção do equilíbrio e a preocupação máxima da beleza.

A sua técnica é das mais honestas e consistentes. As suas pinceladas não provêm do acaso mas duma intuição requintada, de uma intuição que chega por vezes quasi a excluir o trabalho de inteligência. Bento Correia é mais uma grande intuição do que uma inteligência de pintor. E' mais artista do que intelectual, mais um temperamento de delicada sensibilidade do que um artista cuja obra obedeça apenas ao mandato imperioso de uma meditação profunda. E' essencialmente pintor. A sua inteligência, através da sua obra, nota-se apenas na preocupação constante de encaminhar a sua arte pelas sendas novas ainda tão plenas de ineditismo, que a nossa época abre às gerações modernas.

Estou convencido de que Bento Correia há de em breve, muito em breve, enfileirar ao lado dos melhores modernistas portugueses.

Henrique Santos é para nós, embora por enquanto não o seja para o grande público, um temperamento rico, que não encontrou ainda o seu pleno desenvolvimento. Nos seus quadros encontram-se já as principais qualidades que o podem fazer ascender à categoria dos grandes pintores: visão de conjunto, desenho, gosto na composição, sentimento, noção nítida da cor. Simplesmente, estas qualidades estão ainda desarrumadas, como uma casa que possui em desalinho todos os objectos de que carece para ser elegante adorno. Só a persistência no trabalho o pode conduzir à arrumação necessária. Só o tempo — factor que está acima da sua vontade — lhe criará a superioridade de espírito, o domínio absoluto de todas as suas faculdades de forma a maneja-las facilmente no sentido do sonho de beleza.

Onde as suas faculdades melhor se distinguem é nos pequenos quadros, apontamentos e *pochades*. Este facto indica que Henrique Santos deve procurar, talvez, realizar, não quadros bem acabadinhos e académicos, mas assuntos largos, mais indicados do que trabalhados com forçado método.

Nas suas qualidades já bem patentes em alguns dos seus quadros e na sua persistência no trabalho pomos toda a nossa esperança.

Mário DOMINGUES

Alegre fantasia

ROMA, 22.—Lloyd George encontra-se nesta cidade com um grupo de turistas, visitando os monumentos históricos. Interrogado pelos jornalistas declarou que a sua viagem não tem o mínimo carácter político.

Temporal insolente

BORDEUS, 22.—Um furioso temporal assolou estas costas, elevando-se as vagas a uma altura de que não há memória, pois atingem a Rocha da Virgem.

CARTA DO PORTO

Os vereadores, sem proveito para os munícipes, engalfinham-se na disputa de chorudas benesses da indústria eléctrica

PORTO, 20.—Nos bastidores do pagode camarário, isto é no luxuoso gabinete da presidência, houve, antes de principiar a sessão do Senado, grosso chifrim entre os vereadores que depois constituiram a engraçada assembleia senatorial.

Houve chispas de cólera visual, rezeamento de músculos, contracções faciais, frases candentes pronunciadas por lábios a tremer nervosamente, agitação de braços, balouçar de pernas — tudo isso perfazendo um «grunhido» ruidoso de quem se não entende de com os negócios da China...

E como esse *charivari* grosseiro trespassasse as ricas paredes do citado gabinete, o público que se empilhava nos corredores causticos, com rudes comentários, aquela veracão que está prestes a ser eleitoralmente corrida do edifício municipal...

O aranzel fóra devido à distribuição de «papeis» para a aprovação da renovação do contrato do director e sub-director dos Serviços do Gás e Electricidade. Alguns camaristas não quiseram entrar na charrela do arranjinho, e daí o desconcerto do bando.

Na verdade, o tal director e sub-director não têm feito nenhum serviço de vulto que possa merecer as gerais simpatias da população tripeirinha. A cidade está ridícula, electricamente iluminada e as suas instalações eléctricas são o que há de mais vergonhosos. A energia luminante, que fica aos Serviços do Gás e Electricidade à razão de uns 37 centavos, é vendida ao público pelo preço de 270 centavos.

Em compensação, esses serviços municipalizados do gás e electricidade têm sido uma mina para alguns funcionários superiores, têm sido uma orgia de se lhe tirar o chapéu...

Os lucros excessivos daquela exploração têm dado muita margem para gratificações chorudas, como, há pouco, por exemplo, de *cem contos* para o director, de algumas dezenas para o sub-director, e assim, em ordem decrescente, consoante as categorias dos comilhões, dos devoristas apadriñados...

Quem realmente afeite os 3.700, 3.500, 2.000, 1.000 e 800 escudos por mês, precisa, de facto, de pesadas gratificações que enriquecem logo um indivíduo e que nos levam a acreditar piamente de que mais vale pertencer aos Serviços de Gás e Electricidade, do que ser industrial ou negociante por conta própria. Assim tem-se um bom rendimento sem dispêndio, isto é: *emlate* de capital...

Mas porque essas gratificações — gratificações, aliás, que possivelmente se vão renovar também agora no fim do ano? Porque, não sendo aperfeiçoados os serviços nem aumentada a iluminação pública, a despeito dos protestos dos munícipes — se explora, contudo, estupidamente a bolsa do consumidor... Só por isso...

Não cuide, porém, que o budo é distribuído, embora proporcionalmente, por todo o pessoal dos Serviços do Gás e Electricidade.

Esse pessoal está, bádicamente falando, dividido em duas castas: os *ladados* pelo divino ouro municipal e os *sudras* — os empregados de mês, excelentemente estupidizados, e os operários por dia, aos quais se não lhes dá a garantia dos domingos e dias feriados... E como estes ganham muito, de 9 a 15 escudos por cada dia útil, e aqueles estão pouco «mensalizados», de 3.700 a 800 escudos pelos 30 dias «úteis e inúteis» — vá de conceder-se aos últimos um abatimento de 50 por cento no gás e electricidade que queiram consumir, não se permitindo aos primeiros, por serem filhos «espirituais» da municipalidade, nem um abatimento de meio por cento.

Estamos chegando ao dia 24 de Dezembro, da chamada festa da família. E como os empregados mensais têm família para «fraternizar», a exemplo dos demais anos a «ilustre e generosa» direcção já deve estar a estas horas a preparar-lhe a consolda de 300, 500 e mais escudos, enquanto aos «proletas» não se lhes paga sequer o tal dia da «festa da família», decretado por esta santa e moralíssima república. E que os trabalhadores não têm família...

O sapateiro de Braga continua a pregar no deserto... do edifício municipal... Ora aí está a razão porque os serviços do gás e electricidade não melhoram nem embaratecem: aí está o motivo porque se desenrolou a zaratageia nos bastidores de *Domus Municipalis*, e aí está também a explicação do facto de *O Primeiro de Janeiro* reclamar insistentemente a substituição imediata do director e sub-director dos Serviços Municipalizados do Gás e Electricidade, com a supressão de quaique

A FARÇA PARLAMENTAR

Prossegue o debate político e produzem-se largos discursos com afirmações muito úteis para o nosso arquivo

Muitos deputados, mais apressados em ir gozar as festas do Natal, deixam vagos os seus confortáveis fauteuils. O parlamento, assim, assemelha-se a uma velha carminada das mas com falta de dentes.

Por esse motivo falta o número para se entrar no período de «antes da ordem», abrindo a sessão às 16 horas com 41 senhores «pais da pátria».

Inicia o palavrório o sr. Elmano da Cunha e Costa, da minoria monárquica, que envia para a mesa um projecto de lei revogando o decreto n.º 11.363.

O orador fala das invasões frequentes do executivo na esfera do legislativo, trata do decreto de liquidação do Banco de Angola e Metrópole, promulgado pelo sr. Torres Garcia, onde, ao que afirma o sr. Cunha e Costa, há pessoas de muito boa fé com quem é necessário liquidar contas. (Ora, pois).

Lamentando a ausência do presidente do ministério, para saber se o mesmo é solidário com o actual ministro da Agricultura, diz:

«Se é que a crise já não está aberta a esta hora».

Para o decreto do sr. Cunha e Costa, não é aprovada a dispensa do regimento.

O sr. Rafael Ribeiro insurge-se contra as desigualdades do exército, apresentando nesse sentido um projecto de lei. (Essas desigualdades naturalmente, referem-se aos graduados. Cotizados, tanto trabalho...)

Alguns deputados dizem-se muito penalizados pela catástrofe de Espinho e pedem providências. Um deles, o sr. Alpoim, entende que se deve dar menos palha aos cavalos da tropa, a fim de enviar socorros às vítimas. (Pobres vítimas, socorros de palha. Não seria melhor deixar os pobres cavalos e cortar a ração aos cavaleiros?)

O sr. Raimundo Alves, aquele deputado que conseguiu enganar toda a câmara com o problema da «mendigagem», espera o ministro da Agricultura para um caso gravíssimo (mau mau), que se prende com trigo, sindicatos agrícolas e a região que ele diz representar, e exclama:

«Quere-se importar trigo exótico, porque isso interessa, evidentemente e naturalmente, ao poder oculto que se chama a Moagem!»

Às 4,30 horas, o tremido presidente do ministério, em passo miudinho, vai tomar o seu lugar. O debate político recomeça.

O deputado monárquico, sr. António Cabral, considerado um adorno de oratória (de pechisbreto), inicia o ataque em nome do seu partido. Compara os tempos da monarquia em que houve um Fontes que governou 9 anos e os de hoje em que os governos se sucedem de 2 em 2 meses, ao ponto de contarmos já 45 governos republicanos.

Confronta depois a obra administrativa preterita e presente e alude à onda de escândalos em que o regime republicano tem vogado. Considera o novo governo gasto e composto de criaturas já cansadas de ministérios cansados. Afirma que a melhor crítica à república a fazem os próprios republicanos que comprovam que o novo regime falhou depois de ter afirmado que emendaria os erros da monarquia e traria uma nova era de prosperidade.

«A ordem e a disciplina social não podem existir quando se busca o apoio da rua, da rua que não trabalha e que ainda ontem se exhibiu ante o parlamento. Combate a lei de separação da igreja do estado, quando existe o direito de reunião para as alforjas».

(Ingratos, nem sequer reconhecem que enquanto se acutilam e fusilam os operários, as juventudes monárquicas se manifestam à vontade e se fazem cortejos provocadores com o efígie de Sidónio Pais, o seu ídolo).

Invocando um anjo que desça do céu a lançar a paz nos espíritos, manda para a mesa uma proposta afirmando que a solução do problema nacional tem como única solução uma profunda e radical transformação política.

(Compreende-se: uma transformação radical—lão radical que voltariam aos tempos de D. Miguel).

Esta proposta, considerada inconstitucional não foi aceite.

O sr. Vasco Borges, ministro encartado, agora nos estrangeiros, tratando dos boatos que circulam na imprensa nacional e estrangeira, desprimosos para a chamada soberania nacional, lê o seguinte telegrama que vem de receber do sr. Norton de Matos, o já célebre embaixador de Portugal em Londres:

«LONDRES — 157 — Urgente. — Recebi esta manhã o telegrama de V. Ex.ª, n.º 84, de 20 do corrente. Tenho a honra de dar conhecimento a V. Ex.ª da seguinte nota, que acabo de receber do Foreign Office:

Excelência. Relativamente à visita que V. Ex.ª teve a bondade de fazer esta manhã ao Foreign Office, tenho muito prazer em lhe dar, por este meio, uma segurança formal de que não há uma palavra de verdade nas recentes alegações da imprensa portuguesa e estrangeira, com o fim de mostrar que a Gran-Bretanha tem intenções, ou animas intenções de outros, sobre as colónias portuguesas. — (a) Embaixador.»

Também sobre o incidente da barra do Guadiana, o sr. Vasco Borges lê à câmara o seguinte telegrama:

«MADRID, 21 de Dezembro. — Acabo de receber nota acompanhada carta particular muito expressiva comunicando que o governo espanhol aceita indicação governo português quanto ao Tribunal Internacional Haia, para a questão litigiosa relativa à determinação da vigência acôrdo de 1893. Em confirmação do que expuz no officio 276 série A 8 de Dezembro governo espanhol indica processo ordinário estabelecido no estatuto 16 de Dezembro 1920 e regulamento 24 de Março de 1923, o que exclui hipótese «avés consultata».

Nota termina considerando grata a notícia e pedindo-me para a transmitir a V. Ex.ª a grande satisfação que o governo espanhol sente ao afirmar de comum acôrdo as bases de uma solução jurídica que fortalecerá cordiais relações entre os dois países irmãos. Enviarei a V. Ex.ª officio com as cópias da nota e da carta particular. — (a) Melo Barreto.»

percentagens sobre a venda de força motriz e illuminante, e com um inquérito à administração desses serviços».

C. V. S.

P. S. — Não sejamos injustos. Foram inauguradas umas novas instalações electricas constantes dumas colunas de ferro nas duas margens da rua S.ª da Bandeira. Mas estes melhoramentos são só nas ruas centrais do alto comércio da alta grande, da principal concorrencia capitalista.

O resto da cidade, a grande cidade, continua mergulhada em sombras... C

O presidente do ministério apresenta em seguida uma proposta de lei no sentido de serem votados 1.200 contos, como crédito extraordinário do ministério das Finanças a favor do Interior e para fazer parte da proposta orçamental para o ano 1925-1926, para auxilio das vítimas do ciclone de Espinho. (Gostariamos de saber quem serão os contemplados, visto que ainda não esquecemos a catástrofe de Benavente).

E' dada a palavra ao dr. sr. José Domingues dos Santos. (Movimento de curiosidade).

O «leader» dos esquerdistas, com voz enérgica e pausada, começa assim:

«Sei que é velha praxe homenagear e saudar os novos governos. A esquerda democrática não foge à praxe; mas fá-lo de certa forma porque se encontra numa situação excepcional. Preside ao novo governo o porta-voz da guerra de exterminio votada à esquerda democrática e com ele outros homens que a perseguiram e caluniaram, pessoal e partidariamente. A propaganda esquerdista, a pesar de tudo, teve o condão de levantar as energias do país; sem palavras de ódio, com propaganda de princípios».

«A dizer-se ao camponês, ao pequeno proprietário, que a triunfar o esquerdismo; a leira lhe seria arrebatada e que viria o bolchevismo. A pesar-dessas mentiras, muita gente acorreu às urnas, por confiar que a esquerda republicana trará um resurgimento nacional. Ela não será apenas útil, mas será a própria salvação da República».

«Ante o actual governo, a esquerda marca uma opposição franca».

Apontando o governo, exclama:

«Os homens que ali se sentam não me interessam. Fiscalizá-los hemos, segui-los hemos passo a passo!»

Depois, salientando algumas das figuras ministeriais, prossegue:

«Estranho ver ali o velho republicano dr. sr. Catão de Menezes. O sr. Marques Guedes, considero que não está à altura de sobraçar a pasta das Finanças. (O que percebe s. ex.ª de finanças? E' flagrante a sua incompetência. Digo isto sem ressentimentos».

«Desejaria que estivesse presente o sr. Santos Silva para lhe perguntar a sua cõr politica; se é conservador como Marques Guedes que já o correu de presidente da Câmara do Porto, ou radical como o sr. Ramada Curto ao lado de quem se quis sentar».

E prossegue:

«Para se, ser ministro não basta ser-se republicano, é mister ter capacidade intelectual».

Em seguida refere-se a uma pergunta velada, feita pelo deputado socialista dr. sr. Ramada Curto sobre a posição dos actuais ministros da guerra e marinha, que parece ter passado despercebida ao presidente do ministério.

O sr. António Maria da Silva, interrompendo, diz que a pergunta, não passou despercebida, mas como resposta bastaria a permanência ali dos referidos ministros. De mais, oportunamente esclarecerá...

O dr. sr. José Domingues dos Santos acha vaga a resposta, que não representa um pensamento governativo, pois não se chega a saber se os dois titulares são, como diz o boato, elementos impositos pelas juntas militares.

E afirma com vigor:

O país não sabe se existem umas juntas militares cuja existência ele não admite. O sr. António Maria impõe-se como governo, não para governar bem mas para governar muito tempo e um dia, comparando-se aos estadistas estrangeiros, poder afirmar: governei mais do que Briand».

Em seguida insurge-se contra a defesa da «regia» dos tabacos defendida na declaração ministerial. Há 5 meses o actual presidente do ministério, em resposta ao deputado Carvalho da Silva, afirmava que sendo contra os monopólios também não tolerava a «regia». (O que o levou agora a mudar de pensar? Naturalmente a sua versatilidade. Ele e o seu partido, afirma, é pela liberdade de industria, liberdade que o actual ministro sr. Santos Silva defendeu há pouco numa conferência que realizou no Porto).

Sobre a questão administrativa, pergunta:

«Como pensa o governo solucionar a? Pensa reduzir o quadro do funcionalismo ou diminuir-lhe os ordenados? Desafia o governo a que tente tal medida. Pensa o governo em reduzir os quadros do exército ou cercar-lhe os vencimentos? O sr. ministro da guerra dará tudo quanto lhe exigirem. O melhor será o governo preparar as malas».

O orador refere-se em seguida ao facto do ministro sr. Marques Guedes ser deputado pelo Porto e esquecer-se talvez das promessas que ali fez sobre as obras do Porto de Leixões, cuja realização não consta da oca declaração ministerial.

Este problema, o das estradas, e outros carecem de dinheiro. (Que é dele? Não há? No entanto, gastaram-se 30.000 contos para fazer eleger um deputado (admiração na Câmara e em nós, que nos lembramos de que há muito desgraçado, a pesar de todas estas discursões, não tem 30 escudos para alimentar os filhos).

Depois, ao sr. ministro do comércio:

«V. ex.ª, sr. ministro, tenha em conta que já mandou dinheiro demais para a Figueira da Foz, destinado a construir uma estrada à porta dum cacique!»

Análisa em seguida o problema da irrigação do Ribatejo, que não mereceu as mais simples referencias no programa do governo, não obstante existir um projecto inteiramente pronto, de quando ele foi governado.

Tratando da questão internacional entende que as relações com os vários países, a pesar do seu melindre, não podem ser secretas. Na questão do Guadiana, foi ineficacissima a nota do sr. Lago Cerqueira dirigida a Espanha. Valeu-nos o bom-senso e o juizo dum general espanhol que, embora despoja, soube evitar uma serie grande de prejuizos para Portugal. Prova isto que não procura, para ministro quem tenha cabeça, basta vestir fraque. Não conhecia esta nota o actual presidente do ministério!

Seguidamente ocupa-se dum conflito havido nas águas territoriais, em que a canhoneira «Quanza», a 4 milhas da costa, apresou um barco espanhol que logo foi mandado em paz.

O sr. Vasco Borges explica que na arbitragem para a solução do caso do Guadiana não se tratou do limite de águas territoriais e desmente, por inexacto e absurdo, o boato sobre compromissos secretos com o governo espanhol.

O «leader» esquerdista continuando recorda a necessidade, que já defendeu, do estabelecimento de relações com a Rússia dos soviets. Cita o facto de, na França, Briand tratar com Tchitcherine como de potência para potência e afirma não existir o direito de nos mantermos assim isolados daquele país; sem termos que discutir a sua orientação politica. Portugal não tem que recuar que a Rússia venha uma aluvião de homens dos soviets a perturbar a paz social. A abertura de relações são de interesse para o país.

Fala-se no perigo colonial. Porque não existe um delegado na S. D. N.?

Portugal no conceito do mundo quasi não existe. Pergunta-se-lhe pela sua legislação de trabalho, de protecção a mulheres e menores, relações internacionais e a resposta é nula. Na S. D. N. Portugal marca o ultimo logar.

Passa depois a apreciar o problema da ordem:

«Em Portugal convencionou-se que a solução deste problema é um atribueio da policia. Já se diz mesmo que o melhor governante é um bom policia e que o melhor presidente de ministério será um chefe de policia».

O orador refere depois, com palavras de indignação, as barbaridades cometidas pela policia sobre os operários. Ela chega ao desaforo — diz — de prender indivíduos já julgados, de os tornar a julgar sumariamente e deportá-los. Esses homens, mesmos criminosos, tinham direito a julgamento legal. Depois, com arrebatamento:

«Acusam-me de defender bolchevistas e criminosos. Não, não os defendo; o que eu quero é que a lei não ceda o logar ao arbitrio. Quando acabará isto que nos envergonha aos olhos do «strangeiro? Digam-me como e porque se fusilam operários nas ruas? Porque assassinaram Domingos Pereira? Eu sei que se arrancaram falsas confissões à chibatada. Eu vi e a Câmara também camisas esfarrapadas tintas de sangue. Onde está o resultado dos prometiidos inquéritos? Defendendo esses homens eu deixo-me a mim próprio. A pesar de todos os protestos as esquadras estão repletas de homens acusados de terem atentado contra o comandante da policia. E' demais, senhores!»

Referindo-se ainda à opressão campeante, diz:

«O problema da ordem não é incompativel com a liberdade. E Portugal é um país de tradições liberais. Tanto assim que eu estou convencido que o regime dos soviets, porque é autoritário, não vingaria em Portugal. Por isso também eu não posso ser bolchevista, porque sou contra todas as ditaduras, venham elas das direitas, partem elas das esquerdas».

«Não é impondo a lei do quero posso e mando que se mantém a ordem, é estudando os fenômenos sociais. Não é fusilando e espedeando o povo, que se aproxima do parlamento, para reclamar o respeito da lei no caso das prisões e deportações, que se captam simpatias».

«Dantes eram os governantes que olhavam o povo com desdém e com odio. Proclamamos o povo soberano; e hoje é ele que já nos encara com desdém e nos odeia. E' preciso, senhores, acarinhar-mos o povo!»

«Se confiais na policia e na guarda republicana para impor a ordem pela força, enganai-vos. Um dia não mais podereis contar com elas, porque esses homens também são povo».

«Com que conta, pois, o governo para harmonizar o país, trazendo-nos uma declaração ministerial velha e oca?»

Depois, a terminar:

«Combato o governo, sim, combato-o por ter à sua frente um homem que é a viva encarnação do odio».

Poucos cumprimentos e aplausos e nenhum abraço do sr. António Maria da Silva.

Na galeria n.º 2 um espectador levanta um viva à Democracia. Surge um continuo; o transgressor da lei do silencio levanta-se e diz: «Fui eu... e sai».

Fala agora o sr. Alvaro de Castro, dos independentes, rodeado por quasi todo o centro e direita da Câmara. Diz que a ausência do sr. Torres Garcia na cadeira da Agricultura está criando mistério à volta do ministério.

O presidente do ministério, interrompendo:

«O sr. ministro da Agricultura não appareceu por ter a esposa doente. (A câmara tem um ar de incredula de que o sr. Torres Garcia leve o seu amor conjugal a tal extremo).

Dá-se por satisfeito pelo escríptulo que o governo pôs na questão da abertura de novos créditos buscando a sanção parlamentar.

Tem as seguintes afirmações interessantes:

«Não há que substituir as leis, há sim que substituir os ministros que as não cumprem».

«Há homens que abusam da sua intellectualidade suppondo-se capazes de encaixar um povo inteiro dentro das suas concepções, por vezes absurdas».

«A declaração ministerial é pobre. O governo que é capitalista não diz uma palavra sobre o meio de solucionar a crise que faz encerrar fábricas e lança operários na situação de sem trabalho. O que pensa o governo da situação cambial? Nada».

Sobre a questão dos tabacos, diz:

«As tradições do país são libertárias. Por isso defendo o regime de liberdade de industria».

Sobre a questão internacional:

«A pesar-das boas palavras da Inglaterra, não nos têm faltado outros povos a retalhar-nos as colónias, que, em verdade, atravessam um período de agonia».

Termina aguardando os actos do governo, apoiado nas que se referem à contabilidade pública, devendo o parlamento ser ouvido, como agora, sempre que se trate de novos créditos».

O presidente anunciou a prorrogação da sessão, marcando a reabertura para as 21 horas.

São 22 e tal quando se entra na sessão noturna.

Fala o sr. Lino Neto, deputado católico, que faz um extenso discurso para marcar uma posição de expectativa em face do novo governo.

O sr. Finheiro Torres, monárquico, fala por largo tempo e termina por apresentar uma moção de desconfiança ao governo.

O sr. Manuel José da Silva, independentista, depois dum longo discurso de elogio ao governo, apresenta uma moção de confiança.

Às 3 horas, fala o sr. Ginestral Machado, fazendo uma critica severa à declaração ministerial referindo-se-lhe os srs. Vitorino Guimarães, que apresenta uma moção de confiança. António Maria da Silva, que responde aos vários oradores que se referiram à declaração ministerial, e Pedro Pita.

A hora de fecharmos o jornal está falando o sr. Carvalho da Silva.

Espera-se que o governo saia vencedor dos debates por uma maioria de 20 votos.

O escandaloso caso do Banco Angola e Metrópole

Não sofreu alteração o embrolhado caso do Banco Angola e Metrópole. A policia prossegue nas suas investigações sem resultado de maior.

Ontem o dr. sr. Pinto de Magalhães, acompanhado do chefe Pereira dos Santos e dos agentes Paulitos e Mira e de 5 peritos, tabelães e paleógrafos, esteve no consulado inglês fazendo exame a quatro cartas que a casa Waterlow & Sons, de Londres, recebeu do sr. Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal.

A diligência pelo adiantado da hora teve de ser suspensa. Essas cartas bem como outros documentos a examinar vieram expressamente de Inglaterra, da casa Waterlow, e por intermedio da embaixada inglesa. Entre os documentos acima referidos figuram as publicas formas dos contratos de fornecimentos de notas de 500 escudos ao Banco Angola e Metrópole, não podendo ser examinados os originaes desses contratos por eles se encontrarem em poder de Marang.

Dizia-se ontem que haviam sido retiradas as imunidades diplomaticas ao sr. Planas Suarez, ministro acreditado da Venezuela em Lisboa, considerado como gravemente implicado no caso do Angola e Metrópole.

Pelo decorrer das investigações veio a levantar-se suspeitas de que nos furtos de diamantes de Angola estão também implicados elementos do Banco de Angola e Metrópole. A policia acaba de apreender no Porto mais 60 contos de diamantes, que da Lunda foram directamente para a Holanda e depois de ali transitaram para o Porto para a quiresaria de Alfredo Pinto da Cunha. Este ouviu que fugiu tem um irmão preso como implicado no caso de Angola o que leva a crer que todos estes negócios escuros se ligavam intimamente.

Segundo se diz, os originaes dos contratos entre a casa Waterlow e o Banco de Portugal estão em poder de Marang, tendo, no entanto, a casa de Londres, cópias e publicas-formas desses contratos que vai enviar para Lisboa.

No «sud-express» partiram ontem para Paris e dali seguirão para Londres, os representantes da casa Waterlow & Sons, que vieram a Lisboa examinar as notas de 500 escudos, que confirmaram terem sido impressas no seu estabelecimento. Diz-se que vão passar o Natal com a familia, voltando a seguir a Lisboa.

Marang, segundo as nossas informações, vem efectivamente a caminho de Lisboa. A sua chegada é aguardada com tanto maior interesse quanto é certo que é em seu poder que se encontram os originaes dos contratos de que a Waterlow só possui publicas formas legalizadas.

O «Diário do Governo» publicou ontem a portaria nomeando a comissão liquidatória do Banco Angola e Metrópole, que fica composta do inspector do Comércio Bancário sr. João Baptista de Araújo e representante do Conselho Bancário, sr. Delfim Guimarães.

O deputado sr. Carlos Pereira, interrogado no governo civil pelo dr. sr. Pinto de Magalhães, confessou que efectivamente trouxera do Porto uma mala com 5.000 contos em notas de 500 escudos. E que pelos serviços que presta para ser fundado o Banco Angola e Metrópole recebeu 100 contos.

A bordo do vapor alemão «Ebe», atracado a Santa Apolónia, chegou hoje uma caixa com os seguintes dizeres:

«Alves dos Reis—Banco Angola e Metrópole. Caixa n.º 46711».

A caixa que vem de Hamburgo foi selada pelo immediato do navio e ficou em depósito no armazem de Santa Apolónia.

Que virá dentro da caixa?

O dr. sr. Crispiniano da Fonseca deve chegar por estes dias, constando que é portador de documentos importantes apreendidos em Haya.

Let o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

UMA REVISTA CINEMATOGRAFICA

Uma ciné-farça com BUSTER KEATON (PAMPLINAS)

A's 9 horas e 20

A vingança de Krinhild

Segunda e última jornada de

OS NIBELUNGOS

Transposição cinematográfica das lendas do Rheno que inspiraram o génio de Wagner

Esta segunda parte do maior «film» que a Alemanha tem produzido, será como a primeira, A MORTE DE SIEGFRIED, acompanhada pela orquestra reforçada com órgão e metais sob a direcção de

Nicolino Milano

TEATRO NACIONAL

HOJE, em despedida, o sensacional drama

A SEVERA

Em ensaios: a linda peça

A MORGADINHA DE VALFLOR

QUE AINDA ESTA SEMANA SUBIRÁ Á SCENA DO TEATRO NACIONAL

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Ass. Sec. M. A. da Oficina de Carpinteiros de Branco do Arsenal de Marinha.—Reúne hoje pelas 17 horas, no observatorio, a assembleia geral para apreciar e resolver sobre o subsidio a pagar ao socio n.º 46, António dos Santos Dias e eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926.

Cooperativa Oriental.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, em segunda convocação, com a seguinte ordem dos trabalhos: Eleição dos corpos gerentes para 1926.

Secção Telegráfica Federações

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico do Porto.—Esperem officio; delegado vai no dia 31, da sessão no dia 1 em Rio Mião; dia 2 em Gaia e Porto. Informem Rio-Mião e mandem resposta.

OS QUE MORREM

Faleceu Manuel dos Santos Almeida, empregado na tipografia da Fábrica do Material de Guerra; e segro de A. S. Vasconcelos, impressor tipográfico. O seu funeral realiza-se hoje, às 15,30 horas, saindo do beco do Forno; ao Castelo, 16, para o cemitério do Alto de São João.

Naeimaria do Limoeiro faleceu ontem o prso Marcelino Ribeiro, de Tomar, filho de João Ribeiro e de Henriqueta Maria, solteiro, de 24 anos, que, desde 17 de Março de 1824, estava preso por crime comum.

Coliseu dos Recreios

Deslumbrante espectáculo às 21 horas

2.ª apresentação dos prestidigitadores e ventríloquos

Romer and Brayner

O colossal e gigantesco

ELEFANTE

e os números de grande sensação

Otago Bill—Tigres reais

O cavallo policia

A'manha.—Surpreendente «matinée»

Teatro Maria Vitória

Dorceria Teatral Limit.—Telef. 5644

Directão artistica de Rosa Mateus

A'manha; 24 definitivamente A'manha; 24

em 8,30 e 10,30

1.ª representação da revista

em 2 actos e 10 quadros, original de Frejgos e Tróianos, musica original e coordenada do maestro Raul Portela

FOOT-BALL

Titulos dos quadros

1.ª, Lisboa divertisse-se; 2.ª, O Paraíso; 3.ª, Bons costumes; 4.ª, Flor do Japão; 5.ª, Expositão de criancinhas; 6.ª, A bebedeira nacional; 7.ª, Teatro... pirandescico; 8.ª, Máquinas falantes; 9.ª, O grande repertório; 10.ª, A Revista do Parque.

O compe Buscapa por Plurto Ghira

Os outros papéis da revista são desempenhados pela Grande Companhia do Teatro Maria Vitória, de que fazem parte:

Lina Demol, Hortense Luz, Luiza Durão, Elisa de Guisette, Alda de Sousa, Carminda Pereira, Maria Brazão, Amélia Martins, Maria do Carmo, Carlos Leal, Alfredo Ruas, Santos Carvalho, José Silva, Teodoro Freitas, José dos Santos e Luis Costa.

8 bailarinas 8

20 CORISTAS 20

MARCO POSTAL

Matosinhos—S. U. da C. Civil—E' conveniente enviardes outro original, porque o que temos em nosso poder está incompleto.

Távira—Vivaldo Fagundes—Diário e suplemento pagos até 31 de Janeiro, p. f. A Renovação paga até 15 do corrente.

AGENDA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	1	11	21	31	HOJE O SOL
S.	12	16	26		Aparece às 7,52
D.	13	20	27		Desaparece às 17,19
S.	14	21	28		IAESDA LULA
T.	15	22	29		1. C. dia 20 às 2,1
Q.	16	23	30		Q. M. 15 + 12,1
O.	17	24	31		Q. C. 22 + 11,5

MARES DE HOJE

1. raiarar às 9,17 e às 9,53

Paixamar às 2,11 e às 2,47

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
--------	--------	-------

Sobre Londres, cheque 95\$00

Madrid cheque 2578

Paris, cheque... 573

Suiza, cheque... 3579

Bruxelas cheque 89

New-York, cheque 1960

Amsterdã, cheque 759

Itália, cheque... 579

Brasil, cheque... 2882

Praga, cheque... 559

Suécia, cheque... 5330

Austria, cheque 2877

Berlim, cheque 4368

ESPECTACULOS

TEATROS

Nacional—As 21—A Severa

São Carlos—A's 21,30—Medicina Caseira

Politeama—A's 21,30—Seguro de Vida

Trindade—A's 21,30—Clô Clô

Clarinete—A's 21,30—Vida e Dor

Teatro—A's 21,30—A Taberna

São João—A's 21,30—O Flor do Tojo

Realidade—A's 21,30—O Pão de Ló

Coliseu—A's 21,30—Companhia de Circo

Teatro Vittoria—A's 20,30 e 22,30—Foot-Ball

Século XXI—A's 9,45—O Pírolito

Antimatogro e variedades

Cinema (Il Vicente) (4 Graças)—Espectáculos às 3,45

5,45, sábados e domingos com ematines

Trenka Parque—Todas as noites. Concertos e variedades

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Ter-

rese—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

Tortoise—Cine Paris

A sair por estes dias a 9.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente

ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução

Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10

tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem

deixado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal

limas estranhas, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

de Portugal, visto que as limas estranhas

FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote com bona for-

ros e bom acabamento, para

homem, desde 149\$00

impermeáveis para homem com

cinto e capuz 149\$00

Em oleado, castanho, 245\$00

Duas faces, gabardine oleado

para vestir dos dois lados, co-

res, preto e bege, em lã 425\$00

Duas faces para vestir dos dois

lados, castanho e bege, em lã 380\$00

Em gabardine preta de lã, padrão

de oficial de marinha 480\$00

Imitação de camurça e cabedal,

modelo para automóvel 139\$00

impermeáveis para senhoras com

cinto e capuz 225\$00

Em lã 225\$00

Descontos para revenda

Para a provincia remetemos catá-

logos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172

Rua do Amparo, 36

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

AOS MARCENEIROS

BAIXA DE PREÇOS

Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrado, em 25-35-75-90. Casta-

nhão, seco, serrado, em 25-35-75-90. Freixo, seco,

serrado, em 25-35. Cedro, idem 25-35-75. Amieiro

idem 25-35. Urno idem 25-35-75. Mogno serrado

7-20-25. Macaranga, 7-20-25.

Preços mínimos

Taboalhos 25 x 25 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Guarnição garça e 2 filetes, 25 x 25

Idem, desde 1.º a 2.º 25 x 25

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talhices,

louça esmaltada, parafusos, fun-

dos para cadeiras,

— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas,

cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

60, R. DO AMPARO, 86—LISBOA—TELEFONE 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura

do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem suc-

cedâneos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tantas substâncias

indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos

secundários nos rins. Resultados garantidos para ambos os sexos

Numerosas confirmações individuais e atestados, assim como atestados médicos

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto — Preço: 17\$00, pelo correio, 18\$00

Envia-se

CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

A classe litográfica prejudicada pelo Estado e ameaçada pelos industriais

O que disse a "Batalha" o secretário geral do Sindicato dos Litógrafos

A crise de trabalho é, neste momento, uma das mais graves preocupações da classe operária. Consta-se que ultimamente a crise tem tomado incremento, tendo aumentado bastante o número dos desempregados. Já por várias vezes temos apontado nestas colunas as causas desta crise e arquivado opiniões de militantes das classes por ela afectadas, ressaltando delas a conclusão de que esse grave problema podia ser resolvido ou atenuado sem prejuízo daqueles que nos exploram. As tentativas de redução de salários têm-se multiplicado, não desdenhando o patronato lançar mão dos mais vergonhosos truc para as fazerem virar.

Sobre este momentoso assunto ouvimos ontem o nosso camarada Jaime Tiago, secretário geral do Sindicato dos Litógrafos e Anexos que nos expoz o que se tem passado na sua classe. Foram estas as suas primeiras declarações:

—A minha indústria é afectada do mesmo mal que atacou todas as outras. No entanto, a crise que assolou a indústria litográfica tem a sua origem em determinadas causas.

—Entre outras?
—A lei da selagem veio afectar a indústria directa aqueles que trabalham na especialidade de rotulagem. Antigamente, as oficinas que trabalhavam neste ramo tinham, tanto em desenhos como em impressões, uma grande diversidade de rotulos que dava margem para existir trabalho em abundância. Hoje, infelizmente, assim não sucede porque as fábricas e armazéns de bebidas, em face da lei da selagem, servem-se de outro vasilhame sem ser do de garrafas rotuladas, para se esquivarem a pagar ao Estado o respectivo imposto. E' devido a isso que a crise alastra com grande intensidade.

—E a metalurgia não se tem também ressentido?

—Nesta especialidade litográfica dá-se quasi a mesma coisa. Não existe o imposto de rotulagem mas há os direitos de exportação nas conservas. E, como a maior parte do trabalho se fazia para esta industria, daí a grande crise que temos constatado. No entanto a crise não se intensificou tanto como na outra especialidade. Isto não que se refere a Setúbal. Em Lisboa a crise vai também alastrando, não podendo o meu sindicato prever até onde ela chegará.

—E qual seria a forma de atenuar a crise na vossa industria?

—Bastava que o Estado dispensasse mais um pouco de protecção à industria nacional, facilitando o seu desenvolvimento. Ora dá-se precisamente o contrario.

—Como assim?

—E' que o Estado é o primeiro a contribuir para esta situação pelas razões acima apontadas e ainda pela circunstancia de mandar fazer todos os seus trabalhos ao estrangeiro. E senão veja o que se dá com a fabricação de cédulas e de valores que de o Estado carece, que são feitos em Inglaterra. Os nossos profissionais estão bastante habilitados para os executar, caso o Estado queira. Para isso basta citar-lhe as emissões de cédulas de \$01, \$02 e \$04 feitas pelas Câmaras a fim de facilitar os trocos aos seus municípios, algumas das quais não podiam ter execução mais perfeita. Isto a pesar da nossa industria ainda não estar dotada de maquinismos modernos, como acontecem noutros países.

—Mas não fica por aqui o papel do Estado nesta questão.

CONFERÊNCIAS

A situação do operário na Rússia actual

Na Escola Officina n.º 1, perante numerosa assistência realizou no domingo último o sr. César Porto mais uma conferência sobre a Rússia Soviética que visitou há pouco tempo.

E' difficil fazer um extracto completo da curiosa conferência. Limitamo-nos a registar algumas passagens mais interessantes.

Referiu-se o sr. César Porto à situação do operariado russo antes da revolução, em que não havia limite de horas de trabalho, as grandes industrias estavam nas mãos dos estrangeiros e a exploração era, salvo as devidas proporções, semelhante à que o Estado português exerce nas colónias, não havendo direito associativo nem de reunião.

Depois começou a falar da Rússia actual. Diz que prepondera o partido comunista e as suas resoluções, uma vez tomadas, são indiscutíveis pelos seus partidários. Não existem mais partidos políticos.

Nas diversas profissões há 17 categorias de salários que não se correspondem de uma para outras profissões, de uma para outras localidades. Os operários superiores especializados chegam a ganhar 15 rublos mensais (1.500\$00 da nossa moeda). Os operários dirigentes de fábricas e que exercem cargos políticos não têm direito a grandes remunerações. Existe mesmo o compromisso dos comunistas não exigirem remunerações além das estabelecidas.

Há técnicos estrangeiros que auferem mensalidades que vão até seis mil escudos.

O conferente declara não poder avaliar a situação económica do operário russo difere da do operário do ocidente, especial da do operário inglês. Nas estatísticas quasi não se pode fazer fé devido à complexidade da situação. Pareceu-lhe que o custo da vida em algumas localidades será inferior ao de Lisboa, mas talvez assim não suceda nas mais importantes. Portanto, para as primeiras categorias de salários deve a vida ser risonha mas para as outras difficil é saberlo. Porém, estas últimas têm compensações nas facilidades e modicidade do preço de habitação.

O conferente afirma ter sido fácil a expropriação nas industrias, porquanto quasi todas elas estavam na mão dos estrangeiros.

A principio a sindicalização obrigatória foi mal acatada. Hoje são os operários que procuram sindicalizar-se para gozar das regalias que a sindicalização concede.

—? Além de contribuir para que a crise de trabalho se agrave assustadoramente, ainda faz uma grande concorrência nas suas oficinas à industria particular.

—De que maneira é feita essa concorrência?

—O Estado tem oficinas, como a dos Serviços Gráficos do Exército, que trabalham para particulares, por preços mais reduzidos. E pode fazer-lhe porque o seu pessoal é, na sua maioria, composto de militares e consegue adquirir por preços mais baixos o papel e os outros materiais indispensáveis. Devido à vantagem obtida com a mão de obra e com as matérias primas os trabalhos saem mais baratos do que na industria particular. Em consequência disso, as encomendas afluem para as suas oficinas em detrimento dos particulares, aumentando assim o número dos desempregados. Calcule que essas oficinas concorrem em papel para rebuçados com a industria particular! E isto sem o menor interesse para o Estado!

—Porque os lucros desses trabalhos revertem em proveito de meia dúzia de indivíduos que superintendem nesses serviços. O meu Sindicato está estudando a maneira de pôr cõbo a estas anomalias.

—O Sindicato tem tentado lutar contra o que se passa?

—Tem duma forma enérgica afirmado que a classe litográfica tem o direito de existir. E, nesta acção, temos sido acompanhados por toda a classe que sabe demonstrar que não se deixa iludir pelas lérias dos industriais, a quem cabem também culpas na crise que estamos atravessando. Em todas as circunstâncias ela tem sabido cumprir o seu dever.

—Exemplificando...

—As tentativas de baixa de salários têm abortado a pesar da maioria das oficinas terem a sua laboração restringida a 3 e a 4 dias por semana, o que no final de contas vem a ser a mesma coisa, conquanto que o salário estipulado pelo sindicato seja pago integralmente.

—Qual é o salário em vigor na vossa classe?

—Oscila entre 28\$00 e 33\$00 em Lisboa. O que diz respeito a Setúbal e às outras localidades é um pouco mais alto, devido à deslocação de operários. A maioria dos operários que trabalham em Setúbal e no sul do país são de Lisboa.

—A vossa classe é ainda das mais bem pagas?

—Deve-se isso ao facto de se ter pequena e de ter sabido reclamar um salário um pouco compatível com a carestia da vida. Nos momentos de maior abundancia de trabalho, como os artistas são em número reduzido os industriais para os ter em número suficiente oferecem-lhes salários mais elevados do que eles auferem noutras casas, dando como resultado subirem os salários por vezes, sem o sindicato ter reclamado.

—Agora querem aproveitar-se da crise para reduzir os salários. E' uma espécie de vingança.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

—E a classe?

—Não está disposta a ceder. Vamos assistir a grandes e a graves conflitos. A classe tem de afirmar a sua vitalidade e a sua coesão para não ficar reduzida à miséria. Confia que ela saberá mais uma vez defender-se duma extorsão iníqua.

Um congresso de operários negros na América do Norte

A pesar da perseguição e das crueldades sobre eles exercidas na América do Norte, os trabalhadores negros conseguiram efectuar em Chicago um seu congresso. As sessões decorreram sem incidentes, dada a ausência de brutos da raça branca, e as questões debatidas foram do maior interesse para as reivindicações dos operários de raça negra.

Nesse congresso, houve uma afirmação de grandeza moral, revelando bem a capacidade mental da raça negra e a evolução da sua consciência de classe. Foi produzida por Lovett Fort Whiteman, um dos militantes negros de maior evidência, o qual falou nos seguintes termos:

«Curamos um momento decisivo na História. Estamos em foco as guerras coloniais. Três quintos da população mundial estão oprimidos sob a pata de aço do imperialismo americano-europeu. Os franceses dominam absolutamente um grande número de negros e outro grande número de brancos. A Bélgica possui um império colonial quatro vezes maior em recursos e população do que toda a nação. Isto não é mais do que uma situação anormal.

A raça negra tem uma notável importância entre as raças do mundo, mas é maior a sua importância entre as classes operárias. O operariado negro sofre as mesmas tristes consequências económicas que desolam o operariado branco, pois as classes não são distinguidas nas propriedades dos governos e na opressão política. Os negros americanos devem defender-se sózinhos, em perfeito accordo com os seus camaradas das minas, das fábricas e dos caminhos de ferro. Só eles conseguirão precipitar os factos. Estendamos fraternalmente a mão aos trabalhadores brancos, unindo esforços, visto que a causa é comum.»

Promete ser brilhante o sarau a favor das viúvas e órfãos de bombeiros municipais

Tem sido extraordinária a procura de bilhetes para o sarau que vai realizar-se em 7 de Janeiro próximo, no Coliseu dos Recreios a favor das viúvas e órfãos dos bombeiros municipais. O fim benéfico a que o festival se destina, a excelência do programa, justificam o interesse do público, em cuja memória ainda está bem vivo o belo espectáculo que, como o mesmo fim altruísta, se realizou em igual dia de Janeiro do ano corrente.

Do programa constam os emocionantes saltos da gúgula para a pista, dados, por dois bombeiros municipais, igualmente os amadores da boa musica terão oportunidade para se deliciar, porquanto na festa se fará apresentação, em concerto, da excelente banda do Corpo de Bombeiros, composta de 60 figuras, sob a hábil regência do distinto maestro sr. Joaquim Clemente.

E conjugados com estes números terá ainda o público occasião de assistir a surpreendentes trabalhos dos nossos melhores amadores de ginástica, assim como uma das partes do espectáculo é preenchida por variedades, pelos principais artistas de todos os teatros de Lisboa, que generosamente concorrem para o brilhantismo da festa.

Os bilhetes que restam para o sensacional espectáculo podem ser requisitados no quartel de bombeiros da avenida Presidente Wilson, das 12 às 17 horas, ou pelo telefone n.º 339, Trindade.

Liga dos Amigos dos Hospitais

Foram recebidos mais os seguintes do-nativos:

A Favorita Ltd., fábrica de bolachas e chocolates, bairro Lamosa, à Graça, 3 caixas de salsicão de chocolate, 15 kilos de bolos sortidos; Nestlé & Anglo Swiss Condensed Milk, C.º, Rua da Madalena, 214, 2.º, 1 caixa com 24 barras de chocolate, 40 latas de farinha Nestlé, quota anual de 60\$00; Joaquim Nunes de Almeida, Avenida da Liberdade, 136, 50 carteiros com cigarros Vansour; Montepio Nacional, rua Augusta, 40 a 42, quota anual de 120\$00.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

Exposição Médico-Histórica

Continua aberta ao publico por mais alguns dias a interessante exposição medico-histórica na Faculdade de Medicina, que tem sido muito visitada. Tem chamado particularmente as atenções os belos livros, expostos pela Universidade de Coimbra, entre os quais alguns incunáveis preciosos e outras obras do século XVI, assim como a rica colecção de autores nacionais e estrangeiros pertencentes à Biblioteca da Faculdade.

Além dos livros, a exposição compreende numerosos instrumentos de cirurgia antigos, retratos de médicos notáveis, variados objectos pre-históricos pertencentes ao Museu Etnológico, etc. Avulgam, quer pelo seu valor artistico, quer como documentos de interesse medico, os quadros do Museu do Grão Vasco, de Viseu, e do Museu Machado de Castro, de Coimbra, e o retrato do célebre professor da Escola de Cirurgia de Lisboa, Manuel Constâncio, cedido para esta comemoração do centenário pelos seus descendentes.

Encomendas postais

O serviço de entrega de encomendas nacionais far-se-á nos dias 25 e 27 do corrente e 1.º e 3 de Janeiro próximo, com o mesmo horário dos dias úteis, isto é, das 10 às 18 horas.

transformou especialmente a parte politica, sendo de esperar que os ensinamentos marxistas consigam igual transformação de carácter económico.

O conferente foi muito aplaudido.

«O teatro e a nova psicologia da Rússia»

Na Escola Officina n.º 1 à Graça, realiza, hoje, às 21,30, horas, o professor sr. Cesar Porto a sua 4.ª e última conferência sobre a Rússia, versando o tema: «O teatro e a nova psicologia da Rússia».

Caminhos de Ferro do Estado

Predomina o arbitrio, pretendendo-se cercar algumas regalias ao pessoal

Têm os ferroviários do Estado a sua Caixa de Reformas e Pensões, para onde descontam 10 % do seu vencimento, cota aliás muito pesada, comparada com as outras caixas existentes.

Num dos últimos números do *Diário do Governo*, saiu um decreto da autoria do sr. Nuno Simões, em que as regalias dos ferroviários são arbitrariamente cercadas, a contento do não menos inimigo dos ferroviários, o tubarão sr. Pinto Teixeira, actual administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado, engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa, etc., etc.

Nesse diploma, são cortados aos reformados com menos de 30 anos de exercicio, a bagatela de 40 % nos seus vencimentos; sobre os passos que era uma regalia conquistada pelos ferroviários também são agora pagos na proporção de 10\$00, 15\$00 e 20\$00; os *coupons* passam a cobrar 1\$00 por cada 100 quilómetros! Tudo isto para desgostar o pessoal ferroviário e contentar esse terrível inimigo que a frente dos caminhos de ferro se encontra e que tem sido suportado com paciência evangélica pelos ferroviários.

O que se tem passado com o sr. Pinto Teixeira é inacreditável. Apesar de várias demonstrações de antipatia de algumas classes, teima em fazer-se acreditar por pessoa honesta.

Ainda não há muito tempo os operários ao serviço da Exploração do Porto de Lisboa ergueram bem alto os seus protestos para que não fosse assumida a direcção daquelles serviços o carrasco dos ferroviários, como era desejo de algum afim de substituir o sr. Rodrigues Gaspar.

Quando é que os ferroviários enfrentam a sério a sua situação, não permitindo que estejam a prejudicá-los, exactamente aqueles que tinham o dever de respeitar como cooperadores que são dos Caminhos de Ferro do Estado?

Certamente o actual ministro do Comércio deve atender as reclamações que nesse sentido lhe serão formuladas pelo pessoal que se encontra esbulhado de algumas regalias conquistadas à custa de muito trabalho. —Um ferroviário.

AGREMIações VARIAS

Associação dos Inquilinos de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos, na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha, calçada da Graça, 12, 1.º

1.º Dar cumprimento ao § único do art. 15.º em harmonia com uma proposta apresentada pela direcção.

2.º Resolver sobre a necessidade duma sede própria.

3.º Eleição de Corpos Gerentes para o futuro ano de 1926.

Socorro Vermelho.—Reuniu no passado domingo, o secretariado geral deste organismo tendo tomado conhecimento, por via dos seus representantes, de vários assuntos que correm pelos secretariados administrativo e de Socorros.

Deliberou elaborar uma lista de todos os presos e deportados, bem como dos auxílios que actualmente recebem, a fim de propor, na próxima reunião do Comité Central, que recomence a distribuição de subsídios aos mais necessitados. Trocou impressões sobre o modo de intensificar a organização na provincia, despachou varia correspondência de carácter internacional e tomou conhecimento da organização recente em Lisboa das seguintes células: Rosa Luxemburgo, N. Lenine, A. P. L., Escritório Central, Oficinas da Associação dos Compositores Tipográficos, Oficinas do Corpo de Salvação Pública, Sapataria Coimbra, Operários Municipais e Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa.

Um violento choque de veículos de que saíram feridas duas pessoas

Ontem à tarde seguiu pela rua de Xabregas, vindo dos armazéns de vinhos de Vicente André da Silva, no Beato, com um carregamento de quatro cascos de vinho, um camião pertencente àquella firma e guiado pelo «chauffeur» António Pedro dos Santos, 48 anos, de Viseu e morador na rua de São Sebastião da Pedreira, 101, 3.º, o qual se dirigia para um dos armazéns que a referida firma possui na rua da Conceição da Glória. Ao passar na rua Madre de Deus deu-se um violento choque deste veículo com um carro eléctrico que seguia em sentido contrario. Reclamados os socorros para a Cruz Vermelha e para os Bombeiros, compareceram imediatamente ali varias auto-macac e que foram transportados ao hospital de São José o «chauffeur» Pedro dos Santos, que apresentava fractura de costelas, e o empregado no comércio Alberto Diogo, 28 anos, de Seia e residente na rua Carlos José Barreiros, J. R., que ficou com varias contusões no ventre. Depois de pensados no Banco o Santos seguiu para o Governo Civil sob prisão e o Diogo recolheu à Sala de Observações.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

—A imprensa de Lisboa, a convite da Liga dos Amigos dos Hospitais, visita no próximo sábado o hospital de Santa Marta.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Manipuladores de Pão de Santarém

Como noticiámos effectuou-se no passado domingo, a sessão comemorativa do primeiro aniversário da fundação da Associação de classe dos Manipuladores de Pão de Santarém, tendo presidido João Francisco Pinto, secretariado por Eduardo da Silva Pedro e Carlos N. Campos Borges.

O delegado da Construção Civil Manuel da Silva e o, também Manuel da Silva, delegado dos Manipuladores de Calçado daquela cidade, em nome dos organismos que representavam, depois de o presidente relatar os transes porque os manipuladores de pão têm passado, apresentaram as suas saudações ao nível sindicato em festa e exortaram aqueles operários a manter o seu reduto de resistência e ataque à burguesia exploradora.

Gaspar dos Anjos Amado, manipulador de pão, refere-se às perseguições de que ele e varios outros companheiros têm sido vítimas, para finalizar afirmando que nem por isso aqueles operários deixarão de prosseguir na organização e na luta.

M. J. de Sousa, pela C. G. T., faz uma longa exposição sobre o principio de Associação, desde os tempos primitivos, explica o que se entende por luta de classes, os fins mediatos e immediatos da organização sindicalista, etc., terminando por encarecer a necessidade de os manipuladores de pão desenvolverem a sua capacidade revolucionária, dando mesmo incentivo aos operários de outras classes de Santarém se organizarem.

Antes de abrir a sessão foram distribuídos a 54 indigentes outros tantos pães de meio quilo, e no final foi tirada uma queleza para os presos por questões sociais, que rendeu 60\$00.

Esta festa, que decorreu sempre animada, terminou por um copo de água dedicado aos sindicatos.

SOLIDARIEDADE

Pró-José Pires de Matos

Novamente a comissão de auxilio a este prestimoso camarada e militante da organização sindical vem apelar para a solidariedade de todos os camaradas e da organização em geral.

Pires de Matos, que há longos meses se vem debatendo com uma grave enfermidade, foi, por recomendação medica, forçado a retirar-se para a provincia, onde presentemente se encontra. Infelizmente Pires de Matos não tem sentido aquelas melhoras que seria para desejar.

Aquella comissão, composta por camaradas, viu-se forçada a contrair empréstimos que lhe permitissem atender às necessidades contradas por Pires de Matos com a sua estadia na provincia. Agora, não só para atender ao pagamento desses empréstimos, como para ocorrer às necessidades presentes, organizou a comissão uma festa que teve a sua realização no passado dia 13.

A todos os camaradas e organismos a quem foram enviados bilhetes roga a comissão que os liquidem para assim não protelarem os trabalhos que estão pendentes para o restabelecimento de Pires de Matos.

A sub-comissão pró-José Pires de Matos lembra também ao operariado o dever de